

# HISTÓRIA

Coordenador: (Mg) J. MIRANDA CARVALHO

## A CONQUISTA DE MONTE CASTELO

**Recordando essa efeméride, que enobrecce os nossos fastos militares, A DEFESA NACIONAL publica, a seguir, parte da palestra do Major Germano Seidl Vidal, em nome da Associação de Ex-Combatentes — Seção da Bahia — no dia 21 de fevereiro de 1958, em Salvador, no auditório do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.**

Foi em agosto de 1942 que ecoou pelo Brasil imenso e altaneiro o som rouco da inúbia a chamar seus filhos para a luta contra a traição e a insidia. O mar, que banha as praias nordestinas, tragara irmãos nossos, mortos à socapa nos torpedeamentos de nossos navios mercantes.

Era, pois, o reconhecimento do estado de guerra com os que se atreveram a manchar com sangue generoso de brasileiros as convenções e tratados diplomáticos em vigor.

Nossas Forças Armadas iniciam seus preparativos bélicos e se empenham em severa vigilância de nossas extensas costas. No Exército recrudescce a instrução; o treinamento intensivo forja vigorosos e eficientes soldados modernos; a mobilização planeja e reúne escassos recursos do país e conclama cidadãos a envergar o uniforme em defesa da Mãe-Pátria. Os dias e meses se passam e a batalha surda da frente interna, dia a dia, ganha mais uma vitória.

Em junho de 1944 chega o grande momento e o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira parte para além-mar. Outros se seguem, juntamente com os integrantes da FAB que constituem o 1º Grupo de Caça e a Esquadilha de Ligação e Observação, combatidos por unidades de nossa Marinha de Guerra.

Em breve, a tropa brasileira é encarregada de larga zona de ação na frente italiana. As primeiras vitórias chegam céleres e as operações



na linha Gótica e no vale do Serchio dão a prova real da capacidade de nossos chefes e soldados.

O General Mark Clark, então comandante do V Exército, assim se referiu ao teste inicial da tropa brasileira, em entrevista com o então Ministro da Guerra, General Eurico Dutra:

"A sua tropa, Gen Dutra, quando veio do Brasil, foi para uma área de estacionamento, onde iria aclimatar-se e receber armamento de guerra. Passou então à fase do treinamento especial, duro e terrível, para a luta.

Um belo dia fui informado por um oficial do meu Estado-Maior sobre o alto grau de sua instrução e sobre sua eficiência. Resolvi, então, empregá-la no "front".

Constituí, para isso, um destacamento especial, cujo comando foi confiado ao General Zenóbio da Costa. Andei acertado. Eis aqui o que sua tropa fez nestes dez dias — e apontou no mapa a progressão do destacamento brasileiro, indicando quais as cidades por êle tomadas (Vale esclarecer, acrescentamos nós, que se tratava de operações ofensivas concluídas com uma progressão de 40 km e um balanço de 208 prisioneiros, 209 baixas (das quais 13 mortos), várias cidades libertadas e a captura de uma fábrica de munições e acessórios para aviões. Diante de tão promissora experiência — continuou o General Clark — resolvi dar-lhe nova missão, reforçando o Destacamento FEB com um Regimento de Artilharia inglesa e um Batalhão de Carros de Combate americano.

Já cumpriu com sucesso, e até mesmo com inesperada rapidez, essa missão. Isso firmou o conceito não só entre nós, mas também entre os alemães, soubemo-lo por inúmeros prisioneiros. É por isso, Sr. Ministro, que estamos ansiosos por mais tropas brasileiras. Mandem-nas, e o mais breve possível, terminou o Cmt do V Exército."

Era a consagração do valor profissional e moral do nosso soldado diante do inimigo experiente e aguerrido.

Posteriormente, transferindo-se para as posições do vale do Reno a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária recebe missão como Grande Unidade, sendo dispensado o período de treinamento no Teatro de Operações tendo em vista ter sido considerado satisfatório o estado de instrução e eficiência da tropa. A nossa Divisão, como um todo, combinando Armas e Serviços, passa a agir no âmbito do 4º Corpo de Exército Norte-Americano, sob a responsabilidade exclusiva de comandos brasileiros.

Segue-se longa e tenebrosa defensiva sob o rigoroso inverno europeu. O "pracinha" das primeiras linhas, vive em seu abrigo, esconde-se nos "fox-holes", como bicho perseguido e maltratado, enquanto o "super-homem" o olha dominante das alturas que se debruçam sobre a tropa brasileira: Montes Belvedere, Gorgolesco, Castello, Della Toracia, La Serra, Sopressasso e Castelnuovo.





A RUDEZA DO TERRENO DA REGIÃO DOS APENINOS PÔE A PROVA  
A NOSSA BRAVA INFANTARIA



Defensivamente organizado o inimigo sobrepuja a pleora de meio dos aliados, com astúcia e preponderância de posição. Devassando com as vistas o interior de nossas posições êle ceifa diariamente jovens vidas patricias, abatidas pelas rajadas de balas traiçoeiras ou pelos estilhaços de tremendos bombardeios de morteiros. As ações na linha de contato, junto ao indômito infante, exigem o máximo de cautela e sobre-humana vontade de vencer.

Findando o período hibernal chegam alvissareiras notícias da próxima ofensiva, nas palavras dos grandes chefes, em vibrantes "Ordens do Dia", cujos tópicos mais expressivos nos permitimos repetir:

Alexander, o marechal de campo inglês, supremo Comandante aliado no Teatro de Operações do Mediterrâneo, diz:

"É agora a nossa vez de executarmos a nossa missão decisiva. Não será um passeio; um animal mortalmente ferido, ainda pode ser muito perigoso. Deveis preparar-vos para uma luta difícil; mas o fim é bastante certo e não há dúvida sobre êle. Vós, que vencestes tôdas as batalhas em que vos empenhastes, vencereis também esta última."

Truscott, tenente-general americano Comandante do V Exército, afirma:

"Os olhos do Mundo estão sobre nós. Que cada oficial e cada soldado cumpra o seu dever. Sêde corajosos e confiai em vós próprios em vossos camaradas, em vossos chefes, em vossa superioridade sobre o inimigo. Usai vossas armas e empregai todos os meios para sobrepujar o inimigo. A velocidade é vital. Usai vossas pernas. Sêde agressivos, sêde duros ao golpear o inimigo; preparai-vos para manter, destruir e tomar o objetivo a todo custo. E, finalmente, mantende-vos alerta, usai vossa iniciativa, aproveitai-vos de qualquer oportunidade, não deis descanso ao inimigo, aniquilai-o... Mereçamos, mais uma vez, os agradecimentos de nossas Pátrias."

Mascarenhas de Moraes, General Comandante da FEB, também assim se dirige aos seus soldados:

"A nossa Divisão, que tem sabido cumprir com galhardia as honrosas missões impostas pelo IV Corpo, aguarda o momento de lançar-se ao inimigo. E, quando esta hora fôr indicada, quero ver os valentes soldados do Brasil, em ímpetos que o sentimento da honra militar incentiva, atirando-se sobre o alemão, com a vontade férrea de não o deixar mais respirar até a completa asfixia."

A 21 de fevereiro de 1945 um estremeção agita os pracinhas da "Cobra fumando". Pela quinta vez, tropas brasileiras atacariam Monte Castelo. As duas primeiras, a 24 e 25 de novembro de 1943, quando o III-6º RI integrando a Task Force 45, norte-americana, sentiu o amargo sabor do fracasso. As outras duas, a 29 de novembro (ação do I-1º RI)





AS TROPAS BRASILEIRAS ENFRENTAVAM O RIGOROSO INVERNO EUROPEU

e a 12 de dezembro (ação do II e III-1º RI), quando novo revés deu-nos a prova da obstinação do defensor. Desfrutando de excelente posição, demoradamente organizada, com casamatas e posições de metralhadoras batendo extensas zonas, protegidas por largos campos minados, Monte Castelo era um baluarte que representava importante ponto-chave para a continuidade da defesa inimiga.

Fôra ajustado nos altos comandos uma ofensiva do 4º CEx, como preliminar da Grande Ofensiva de Primavera, cabendo as ações à 1ª DIE e à 10ª Divisão de Montanha.

O baluarte de Monte Castelo era o objetivo inicial da Divisão brasileira e a 21 de fevereiro iria receber novo e violento golpe das armas de nossos patrícios.

A manobra do chefe brasileiro consistia em:

— Uma ação ofensiva principal com o 1º RI sobre Monte Castelo e La Serra;

— Uma ação secundária do II-11º RI, destinada a cobrir o flanco leste do 1º RI; e

— Uma atitude defensiva para manter as posições não interessadas na ação ofensiva no momento.



As 5,30 da manhã desembocou o ataque. A FAB, com os seus caças, havia arrasado resistências alemãs em Mazzancana, nas encostas do Gorgolesco.

As reações inimigas são as mais energicas que já sofrera o pra-cinha importado de terras longínquas, de vida pacifica e tranqüila como está habituada nossa gente. Mas a tradição guerreira, da honra e dignidade militar, da atitude varonil de nossos avoengos — fôssem eles bandeirantes ou silvícolas da época colonizadora ou veteranos soldados do Império das campanhas sulinas — está presente nas veias dos expedicionários.

O ataque brasileiro mantém a fúria e a impulsão que só aos bravos é cabível.

A precisão e violência da Artilharia se combina com a agres-sividade do homem que rasteja de cobertura em cobertura, de abrigo em abrigo, com a inabalável convicção de cumprir o seu dever.

As 17h,20m a defesa inimiga está em franco colapso. Duas Cias Fzo atingem o cimo do Monte Castelo, elas integravam o I e III-1º RI. Seguem-se operações de limpeza e a ocupação definitiva do baluarte conquistado.

A cidadela fantasma para tantos embates frustrados estava enfim em mãos brasileiras, que sofreriam pesado castigo do inimigo — mas não a perderiam, nem dariam tréguas ao alemão até o fim da campanha.

---

Hoje, quando os tempos nos afastam dos acontecimentos descritos, sentimos que a História Militar conta friamente os lances dessa vitória, senão aceitarmos devaneios interpretativos em torno do que ainda re-presenta para nós, militares, tão fulgurante acontecimento.

Monte Castelo é a prova da **persistência** de chefes e subordinados em busca da vitória, a qualquer preço.

A **bravura**, lá exemplificada mil vèzes, em atos de heroísmo indi-viduais e coletivos, é um incentivo para as nossas gerações mante-rem-se no másculo propósito de defenderem, a todo custo, nosso torrão natal.

A **eficiência técnico-militar**, dos quadros e da tropa, exime nossas forças terrestres de complexos de inferioridade, igualando-se às me-lhores do Mundo.

A atuação dos chefes, de todos os escalões, confirmou a **capacidade de liderança e chefia**, dos nossos comandantes, sugerindo que se con-tinue a confiar nêles.

A nossa ação independente, no âmbito de uma Grande Unidade com planejamento e execução próprios, dá-nos a alegria e prazer de





A MORTE NÃO DETÉM OS "PRACINHAS"

ver confirmada a nossa auto-suficiência no campo tático, provada na guerra de nações poderosas.

As ações das patrulhas, das Cias, dos Btl, da armas de apoio e dos serviços e da coordenação com o apoio aéreo vêm de mostrar a excelência do trabalho de equipe, que é o marco decisivo para o máximo rendimento nas ações militares.

O moral de nosso homem, lutando em terras distantes contra inimigo aclimatado e veterano de várias campanhas, é o argumento poderoso para valorizar o "pracinha", preto, branco ou caboclo.

Finalmente, o idealismo que acompanhou a FEB, indo lutar pela liberdade, quando no próprio país ela estava ausente, foi tão salutar que insinuou nossa futura redemocratização.

São, pois, devaneios, elucubrações que a História não conta, mas que está ressoando nos nossos corações pelo valor sentimental, que traduzem, pela dura e firme verdade que contêm — essa a nossa opinião.

---

Por tudo isso, dever inalienável nos faz reverenciar os heróis de Pistóia, aqueles que deram a vida pelos ideais que empolgavam a Pátria Brasileira há treze anos passados.



A êles, os heróis mortos, todos nós, patriotas, vivos, devemos uma retribuição, qual a de mantê-los inolvidados na tradição brasileira pela permanência daqueles ideais incólumes e, cada vez mais, afinados com os propósitos do nosso povo.

Reavivamos alguns ideais que foram a glória daqueles heróis:

— A união das Forças Armadas para completo e eficiente desempenho de suas tarefas específicas;

— A contínua preservação do nosso potencial bélico para a garantia da vida e integridade do povo brasileiro nos seus anseios de paz e concórdia, a par de seu bem-estar geral;

— A intransigente defesa de nossa soberania pelo exercício do postulado constitucional, que designa as Forças Armadas para "defender a Pátria e garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem";

— A fiança de nossa evolução político-democrática, lenta mais inexorável, prescrevendo-se o uso da espada fratricida para aplacar o incontido desejo de aperfeiçoamento moral, político e cívico de toda a nação brasileira;

— O estímulo e auxílio aos cometimentos que argamassam a infraestrutura do país, permitindo que, dia a dia, se reafirme a nossa independência econômica, particularmente nos setores da energia, dos transportes e das indústrias de base;

— A conquista do Brasil para os brasileiros, devassando-se largas áreas até então inexploradas e anexando-as, em toda sua plenitude, ao patrimônio material e espiritual do país; colaborando no ressarcimento de populações desgastadas pela ausência de recursos estatais e onde não se aventura a iniciativa particular; incorporando todos os que nasceram sob o signo do Cruzeiro a tradição de nossa fé cristã e a certeza de nosso porvir grandioso e imarcescível.

---

Lembremo-nos, hoje, que as cinco centenas de cruzeiras brancas, no cemitério de Pistóia, na Itália, são a muda — porém expressiva — representação do que a Pátria sacrificou em benefício de seus ideais. Lá estão, também, os que tombaram a 21 de fevereiro de 1945.

São os heróis que a Pátria venera! São os heróis de Monte Castelo! O sacrifício dêles está bem a altura da grandeza do Brasil e será permanente exemplo para a luta quotidiana, a fim de tornar, o nosso país, FORTE, FELIZ E INDEPENDENTE.